

LIMITAÇÕES DO PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS AUDITIVAS QUANDO DA SUA INSERÇÃO NA SOCIEDADE E NO TRABALHO, BEM COMO SUA INTERAÇÃO COM A FAMÍLIA

*Greicy Rondon¹
Luciene Rodrigues
José Antônio Baltazar²*

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada “Limitações do Portador de Necessidades Especiais Auditivas quando da sua Inserção na Escola, no Trabalho, bem como sua Relação com a Família”, tem como objetivos: verificar como os surdos se comportam em relação às dificuldades enfrentadas no período escolar e quando se inserem no mercado de trabalho; a aceitação da criança surda por parte da família; suas relações sociais. Foram entrevistados 30 sujeitos de ambos os sexos, na faixa etária dos 10 aos 40 anos, utilizando-se como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semi-estruturada através da Libras (Linguagem Brasileira de Sinais). Esta pesquisa foi realizada na APADAL (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos de Londrina), no ILES (Instituto Londrinense de Educação de Surdos) e na Congregação da Pequena Missão para Surdos. Todos os dados foram analisados quantitativamente e qualitativamente. O método utilizado foi o de Pesquisa de Campo. Foi verificado, ao final desta pesquisa, que a deficiência na comunicação é a maior dificuldade enfrentada pelos surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Surdez; LIBRAS; Comunicação; Deficiência Auditiva.

RIASSUNTO

La presente indagine intitolata “Limitazioni del portatore di Necessità Speciali Uditive quando della sua inserzione nella Scuola, nel Lavoro e anche la sua relazione con la Famiglia”, ha l’obiettivo di verificare gli atteggiamenti dei sordi dinanzi alle difficoltà trovate nel periodo scolastico, nel mercato lavorativo, l’accettazione dei bambini sordi per la sua famiglia e sue relazioni sociali. Furono intervistati 30 soggetti di ambedue i sessi nella fascia etaria dei 10 ai 40 anni, utilizzando come strumento de raccolta dei dati una intervista semistrutturata. Questa indagine fu realizzata nell’APADAL (Associazione dei Genitori e Amici dei Sordi), nell’ILES (Istituto Londrinense di Educazione di Sordi) e nella Congregazione della Piccola Missione per i Sordomuti. Tutti i dati furono analizzati quantitativa e qualitativamente. Il metodo utilizzato fu il di indagine in campo. Si è verificato qui che il deficit nella comunicazione è la più grande difficoltà dei sordi.

PAROLE-CHIAVE: Sordità; Linguaggio dei Segni; Comunicazione; Deficienza Uditiva.

¹ Acadêmicas do Curso de Psicologia da UniFil.

² Docente do Curso de Psicologia da UniFil. Mestre em Educação pela UNOESTE – Presidente Prudente. Psicólogo clínico. E-mail: jabaltazar@uol.com.br

ABSTRACT

This survey, titled "Limitations of Bearers of Special Aural Needs When Inserted into School and Work, as well as their relationship with their families" intends to analyze how deaf people behave when facing the difficulties of the school period and introduction into the work market; the acceptance of deaf children by their families; their social relationships. Thirty people were interviewed, male and female, ranging in age from 10 to 40 years old, utilizing data collection and a Brazilian sign language semi-structured interview as tools. This research was conducted at APADAL (Association of Parents and Friends of Aurally Handicapped People of Londrina), at ILES (Institute for the Teaching of Deaf People of Londrina) and at Congregação da Pequena Missão para Surdos (Congregation of the Small Mission for the Deaf). All data collected were quantitatively and qualitatively analyzed. The method used was field research. It was verified that the deficiency in communication was the greatest difficulty faced by deaf people.

KEYWORDS: Deafness, LIBRAS (Brazilian sign Language), Communication, Aural handicap.

Introdução

Considerando-se as várias pesquisas e discussões já realizadas acerca das dificuldades e limitações que norteiam a inserção da pessoa portadora de necessidades especiais na área auditiva em instituições educacionais, bem como no mercado de trabalho, nota-se que o campo ainda é limitado. Geralmente o surdo trabalha em supermercados, fábricas, etc., onde não se exige uma comunicação oral para desenvolver suas atividades nas funções que ocupa.

Verifica-se que as instituições não dão os subsídios necessários para que os surdos, logo que concluem o ensino médio, estejam habilitados para lidar com as mais diversas situações que encontrarão em uma sociedade de cultura ouvinte, onde não são entendidos e, na maioria das vezes, são discriminados.

Nos países subdesenvolvidos, 10% da população é portadora de algum tipo de deficiência, dos quais 1,5% são deficientes de áudio comunicação. Algumas doenças, se tratadas em tempo, permitem o desenvolvimento normal da pessoa, sem limitações, e sua conseqüente integração na família e na sociedade.

Sabe-se que a criança que nasceu surda ou perdeu a audição antes de aprender a falar não possui linguagem, que é o meio natural e espontâneo de comunicação, ficando impedida de revelar seu pensamento ao grupo que a rodeia, o que a torna "diferente" da criança ouvinte. Do mesmo modo ela fica impossibilitada de compreender o que os outros lhe falam.

O surdo pode ser um indivíduo "normal", principalmente se for submetido a uma correta e integral educação-estimulação. A criança ouvinte forma seu conceito de meio ambiente, principalmente através da audição. Já a surda, com ajuda do professor e dos pais ou cuidadores, através de uma didática bem aplicada, poderá aprender, de maneira objetiva, a formar esses conceitos.

Quanto à inteligência prática, aquela que se desenvolve lentamente na criança e a leva a resolver problemas através do desenvolvimento, cada vez maior, da observação, a criança surda a possui igual à criança ouvinte. Analisando estes dois aspectos da inteligência, sabe-se que a aprendizagem da criança surda é mais lenta, pois ela não recebe a mesma quantidade de estímulos que uma criança ouvinte, o que prejudica a sua formação de conceitos. No Brasil, entretanto, além de enfrentarmos, ainda, o preconceito contra a LIBRAS, nos deparamos com uma série adicional de problemas.

Como propiciar ao surdo a possibilidade de freqüentar uma faculdade? Para isso, ele tem que passar no vestibular, o que não é trivial e, além disso, precisa também de um intérprete para acompanhá-lo nas aulas. Mesmo que queiramos, apenas, preparar o surdo para ser professor de Língua de Sinais nas escolas especiais para surdos, somente para treiná-lo em metodologia e técnicas de ensino, os intérpretes também são necessários. Porém, para preparar os intérpretes, temos que ter professores de LIBRAS, que lhes ensinem esta língua. E o professor-instrutor de Libras deve ser surdo. Parece complicado, acaba sendo um círculo vicioso, que alguém terá que abrir, para assim oferecer um horizonte mais amplo à pessoa portadora de surdez. “Somos notavelmente ignorantes a respeito da surdez (...) ignorantes e indiferentes.” (Sacks, 1998, p.15).

Quais seriam, então, as iniciativas prementes para esta problemática? Como os próprios surdos vêem a questão da sua inserção na sociedade ouvinte? Quais seriam os sentimentos mais profundos dos surdos ao se verem privados da comunicação dita “normal”? Quais as maiores limitações enfrentadas por eles? A presente pesquisa visa obter dados mais precisos, que possam contribuir para um entendimento mais profundo das questões que norteiam as limitações da pessoa portadora de surdez.

Breve Retrospectiva Histórica

Na Europa, até o fim do Século XV, o surdo era considerado incapaz de ser ensinado e por essa razão não haviam escolas especializadas para tal ensino. O surdo tinha a sua sobrevivência prejudicada sendo que, em alguns lugares, era proibido possuir ou herdar propriedades, casar-se e votar.

Houve muitas pessoas ouvintes que tentaram ensinar os surdos. Por exemplo, um italiano, Girolamo Cardano, que utilizava sinais e linguagem escrita; um espanhol, monge beneditino, chamado Pedro Ponce de Leon, que utilizava, além de sinais, treinamento da voz e leitura labial. Nos séculos seguintes apareceram outros professores de surdos acreditando que a primeira etapa da educação para os surdos deveria ser o ensino da linguagem falada (chamado Método Oralista Puro) e outros que utilizaram a linguagem de sinais, já conhecida pelos alunos, juntamente com o ensino da fala (chamado Método Combinado). Entre estes professores, figuraram Juan Pablo Bonet, da Espanha, Samuel Heinicke e Moritz Hill, da Alemanha, Abbé Charles Michel De l’Epee, da França e outros.

Destes professores, o mais importante do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem de sinais, foi De l’Epee. Este usava o método combinado e, através de seu instituto na França, um professor surdo chamado Ernest Huet, desenvolveu um método de ensino, fundando a primeira escola de surdos do Brasil no ano de 1856, o Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES), no qual, a partir da mistura da linguagem Francesa de Sinais com sistemas já usados pelos surdos das várias regiões do Brasil, surgiu a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Em 1849, na Itália, dois sacerdotes, Don Giuseppe Gualandi e Don Cesare Gualandi, com o intuito de evangelizar e educar os surdos, fundaram o Instituto Gualandi, que acolhia surdos vindos de várias regiões da Itália, os quais eram, naquela época, praticamente abandonados pelas famílias. Don Giuseppe “contagiou” toda a sua família, pois os seus pais e os seus muitos irmãos colaboraram com muito fervor em todas as iniciativas voltadas para a instrução dos surdos. Os dois irmãos, Giuseppe e Cesare, pesquisavam e estudavam a fundo a respeito da vida da pessoa surda e, assim, o Instituto fundado por eles crescia a cada dia, quantitativa e qualitativamente, ataindo outros sacerdotes e freiras. Nasceu assim a Congregação da Pequena Missão para Surdos, que tinha por

objetivo instruir o surdo para que o mesmo desenvolvesse todo o seu potencial e fosse identificado como um ser ativo na sociedade. Em 1973, essa Congregação passou a atuar também no Brasil, mais especificamente, no Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES).

Até 1889, tínhamos no país seis instituições de ensino que visavam atender deficientes físicos, visuais e auditivos. Verifica-se, no entanto, que por mais de um século a preocupação com os portadores de deficiência foi quase inexistente em se tratando de iniciativas oficiais no campo educacional.

A preocupação com a educação especial no Brasil iniciou-se na década de 30, período que marcou também o início dos conflitos entre os educadores que defendiam os princípios da Escola Tradicional e os favoráveis aos princípios da Escola Nova. Através do movimento escolanovista, a educação incorporou outros princípios: o respeito à liberdade e ao interesse do educando na utilização de métodos ativos no processo ensino-aprendizagem, valorizando os estudos de Psicologia Experimental e procurando colocar a criança no centro do processo educacional, dando um novo impulso à educação escolar dos portadores de deficiência.

As Sociedades Pestalozzi (1932) motivaram, em 1954, a criação do movimento das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) e de muitas escolas especiais que procuraram fundamentar uma proposta educacional que atendesse às necessidades e características próprias dos portadores de deficiência. Até 1963, foram criadas sete escolas especiais no Paraná: cinco em Curitiba e duas em Londrina: o Instituto para Excepcionais e o ILES, que no Estado, atende cerca de 280 surdos, com o intuito de dar-lhes uma educação integral e, posteriormente, inseri-los na sociedade.

Em todo o Brasil, além do ILES, existem outras escolas para surdos, que possuem as condições necessárias para promover a educação, o desenvolvimento acadêmico, a integração social, a cultura ouvinte, a surda, e a preservação da Linguagem de Sinais das comunidades surdas brasileiras.

Fundamentação Teórica

“Se você fracassa em enxergar a pessoa, mas vê somente a deficiência, então quem é o cego? Se você não consegue escutar o grito por justiça de seu irmão, então quem é o surdo? Se você não se comunica com sua irmã, mas a mantém afastada de você, quem é o deficiente? Se o seu coração, ou sua mente, não se estendem para o seu vizinho, quem então tem deficiência mental? Se você não se levanta pelos direitos de todas as pessoas, quem então é o aleijado?” (Anônimo).

A criança ao nascer, é mergulhada no complexo mundo dos sons, e envolvida pela melodia da voz humana. Recebe instruções faladas de seus semelhantes e armazena as experiências de outras gerações, sendo assim introduzida gradativamente na sociedade. Este processo acontece naturalmente, sem desconfortos, visando unicamente o bem-estar social do ser humano. A criança acometida por uma deficiência auditiva, sobretudo antes da aquisição da linguagem, fica completamente alheia a este admirável conjunto sonoro. Se a criança não ouve, jamais conseguirá falar espontaneamente e ficará afastada do convívio de seus semelhantes e da integração sócio-cultural.

A deficiência auditiva, em sentido amplo, é um déficit funcional “curável através da reabilitação”. Urge, portanto, que esta seja realizada o quanto antes e nos primeiros anos de vida, contando com a ajuda da família, comunidade e profissionais altamente competentes e especializados.

O surdo é qualquer pessoa que possui uma perda, maior ou menor, na percepção normal dos sons. A perda auditiva pode variar de leve a profunda, ou

seja, o indivíduo pode ouvir com dificuldade ou não perceber som algum. A audição é de vital importância para a segurança física e desempenho como indivíduo, uma vez que, é através desta, que o indivíduo receberá um grande número de informações. O surdo é capaz de organizar, ainda que de forma diferente, os fatos e os pensamentos em sua mente, utilizando para isso os outros sentidos; pode-se dizer, então, que ele possui mais uma diferença do que uma deficiência.

Segundo o psicólogo norte americano MYKLEBUST (1983, p.35): “O surdo pode apresentar um atraso mental de dois anos em relação à criança ouvinte e um atraso educacional de cinco anos.”, sendo a ausência de linguagem a principal responsável por este atraso. Os aspectos mais afetados são: o pensamento abstrato, o raciocínio lógico, a simbolização, o cálculo e as classificações, que são desenvolvidos somente através de aprendizado especial.

A leitura requer um profundo conhecimento da língua e, privados deste conhecimento, os surdos são, então, privados da leitura que seria para eles, mais que para os outros, um maravilhoso meio de conhecimento, de extravasão e de comunicação. Se os surdos “falam”, isto não quer dizer, no entanto, que eles dominam a língua da sociedade e que sejam verdadeiros leitores. Isto mostra o quanto a educação da criança surda, quando é exclusivamente centrada na fala, conduz a um fracasso. Apenas uma abordagem realista do problema e uma aceitação total da surdez e, conseqüentemente, da Língua de Sinais, pode permitir que a linguagem se instale na criança surda.

A linguagem é encarada como um movimento em constante fluxo, sempre indefinida, não conseguindo nunca capturar de forma definitiva qualquer significado que a precederia e ao qual estaria inequivocadamente amarrada (Silva, apud SKLIAR, 2001, p.109).

A comunicação utilizada pela sociedade é feita fundamentalmente por meio de linguagem oral e da escrita, cuja aquisição é dificultada pela deficiência auditiva, trazendo, naturalmente, conseqüências, principalmente em relação à compreensão de processos mais abstratos, uma vez que estes são extremamente dependentes das linguagens.

Ao ser excluído da comunicação verbal em decorrência de sua deficiência auditiva, o surdo deixa de ter acesso a todas as formas de reflexos da realidade, que são produzidas a partir da apropriação dessa forma de comunicação (Fernandes, apud Luria, 1990, p.43).

A dificuldade do surdo de se integrar no mercado de trabalho começa com a carência de escolas e classes especiais que possam oferecer uma educação geral que sirva de sustentáculo para sua formação profissional. Esta integração poderia ser realizada, tanto em escolas especiais, como em cursos profissionalizantes para não-deficientes, dependendo da capacidade de integração do surdo. O deficiente que não conseguir, em tempo hábil, uma qualificação profissional, poderá começar sua integração no mercado de trabalho através de estágio supervisionado em empresas, enquanto cursa o primeiro grau em escola especial ou na educação inclusiva. Outra dificuldade que o jovem portador de necessidade especial auditiva enfrentará é o da aceitação social. Existe uma tendência a generalizar o problema, o que, muitas vezes, leva a sociedade a considerar o surdo como incapaz para o trabalho, sem levar em consideração a sua competência para a função que pretende exercer, estando sempre em desvantagem na competição com o ouvinte.

O surdo precisa ser visto pela sociedade e, principalmente, pelas empresas, através da sua personalidade, potencial intelectual e a habilidades que apresente para determinada função profissional. No Brasil, a situação do deficiente au-

ditivo em relação ao mercado de trabalho, se encontra bastante difícil; as áreas que o aceitam como profissional são muito restritas, tirando, às vezes, proveito da sua deficiência e não levando em consideração a sua capacidade profissional. Conforme cita Klein: "...grande parte desses sujeitos se constituíam em mão-de-obra mal escolarizada, ocorrendo exploração por parte das indústrias." (Klein, apud SKLIAR, 2001, p.85).

Quando perdemos um dos sentidos, expandimos, ainda mais, os outros. É exatamente isso que acontece com as pessoas surdas; pelo fato de se comunicarem através da Língua de Sinais conseguem desenvolver uma maior acuidade visual e aprimoram também o poder de concentração e a habilidade manual. Por isso, têm uma excelente produtividade no trabalho, principalmente em funções que exigem muita atenção.

O importante é saber aceitar a pessoa portadora de surdez como sendo diferente da ouvinte, e que precisa ser educada para desenvolver suas potencialidades. Alguns fatores influenciam bastante no desenvolvimento do surdo. O diagnóstico precoce, por exemplo; quanto mais cedo se conhecer as dificuldades, mais estímulos adequados podem ser usados. A família é de fundamental importância para que o surdo se desenvolva satisfatoriamente. Precisamos pensar em fazer do surdo um cidadão independente, com desejos próprios, sem se sentir inferior porque não escuta ou não tem uma voz bonita.

Um dos grandes desafios é manter a busca incessante da compreensão do mundo em que os portadores de surdez estão inseridos, que é diferente do mundo dos ouvintes. O surdo deverá estar mais aberto para se relacionar com o ouvinte. A escrita e a leitura podem ser um caminho de comunicação entre os ouvintes e os surdos. "Cada pessoa é livre para buscar conhecimentos e viver de acordo com suas experiências, trocar informações e não ter preconceitos quanto às variadas formas de se comunicar." (Álvares, 2003, p. 34).

O reconhecimento da diferença é o primeiro passo para a integração do surdo na comunidade ouvinte que o circunda. Reconhecer a diferença entre surdo e ouvinte é encarar a realidade relativa ao surdo. É reconhecer suas limitações, no que diz respeito ao seu desempenho na aquisição de uma língua oral, isto é, de uma língua cujo canal de comunicação é o oral-auditivo como o Português, o Francês, o Inglês e outras línguas orais. Entretanto, é também reconhecer sua habilidade lingüística, que se manifesta na criação, uso e desenvolvimento de línguas gestuais-visuais, ou seja, tipos de Língua de Sinais.

O Instituto Nacional de Surdos (INES), tem ocupado no Brasil uma posição de destaque na história da educação de pessoas surdas. Foi realizada por alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, uma pesquisa para se investigar o processo de escolarização oferecido pelo INES, na década de 1940, e sua influência sobre a atual qualidade de vida dos ex-alunos, hoje idosos.

Através dessa pesquisa (Revista INES, 2003), foram identificados 400 alunos matriculados no ano de 1940, dos quais 163 eram naturais do Rio de Janeiro, 79 de São Paulo, 60 de Minas Gerais e 10 do Espírito Santo, totalizando 312 alunos da Região Sudeste. Deste total, foram procurados alunos do Rio de Janeiro, todos portadores de surdez neuro-sensorial, severa ou profunda. Doze desses alunos haviam falecido, dois estavam com doenças graves e oito não foram encontrados ou não responderam às tentativas de contato, restando apenas treze surdos idosos.

A pesquisa mostrou que o ensino especial que foi ministrado aos sujeitos do estudo não foi suficiente para favorecer uma qualidade de vida satisfatória, ou mesmo para promover mudanças nos aspectos social e econômico que significassem uma melhor qualidade de vida futura. É necessária a construção de programas educacionais que contemplem toda a diversidade humana. Enquanto não forem desenvolvidas ações nesse sentido, como política edu-

cacional correta, o surdo continuará a encontrar dificuldades ao tentar se integrar à sociedade.

Metodologia

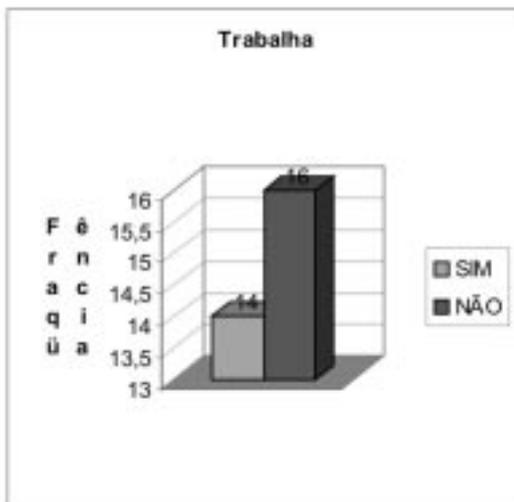
Esta pesquisa foi realizada de acordo com a Metodologia da Pesquisa de Campo, mediante um instrumento de entrevista semi-estruturada, através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), meio de comunicação utilizado pelo surdo. A população amostrada constituiu-se de pessoas portadoras de deficiência auditiva, na faixa etária dos 10 aos 40 anos de idade, num total de 30 pessoas, de ambos os sexos.

RESULTADOS

Faixa Etária	Frequência de pessoas
10 - 20	7
21 - 30	9
31 - 40	14

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados.

A tabela acima mostra as idades do total dos entrevistados, onde a maioria encontra-se na faixa dos 31 aos 40 anos, e a minoria na faixa dos 10 aos 20.



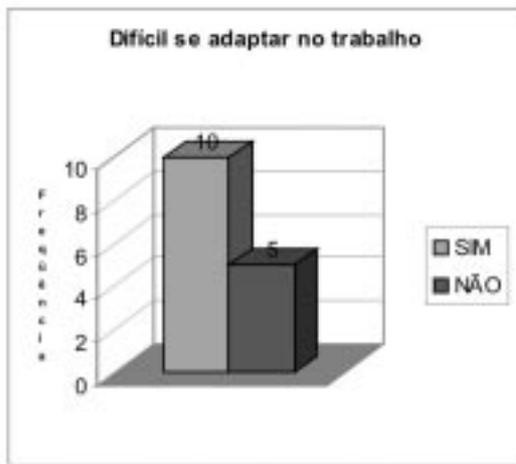
O gráfico ao lado demonstra que 60% do total dos entrevistados não trabalham.

Gráfico nº 1: quantidade de pessoas que trabalham e que não trabalham



O gráfico ao lado demonstra que apenas três dos entrevistados não tiveram dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, enquanto treze encontraram algumas dificuldades.

Gráfico nº 2: dificuldade de inserimento no mercado de trabalho



O gráfico ao lado mostra que dez dos que trabalham relataram que tiveram dificuldade ao adaptar-se no ambiente de trabalho e cinco não encontraram dificuldade em adaptar-se no ambiente de trabalho.

110

Gráfico nº 3: Dificuldade de adaptação no ambiente de trabalho

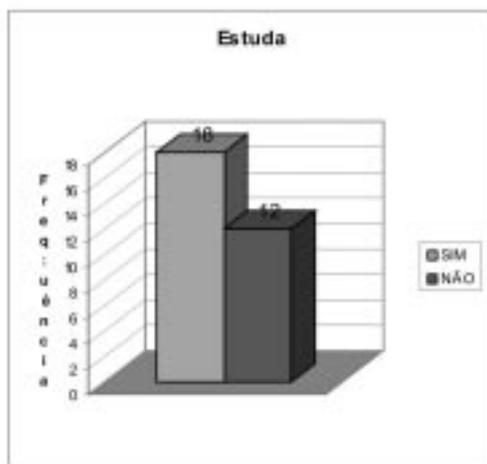


Gráfico nº 4: Se estuda ou não

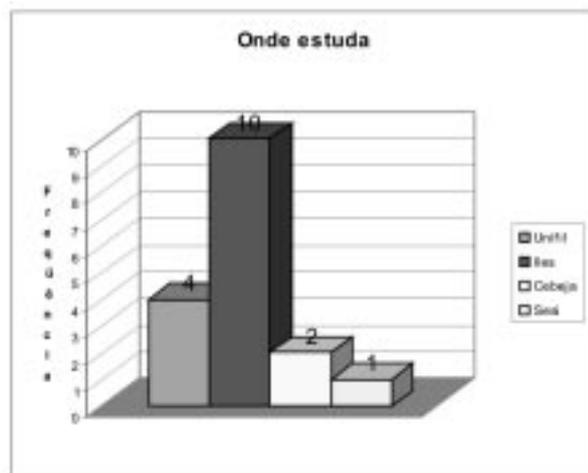


Gráfico nº 5: Onde estuda

R
E
V
I
S
T
A

Os gráficos acima mostram que dos 30 entrevistados, 18 ainda estudam. Onze estudam no ILES, 04 na UniFil, 02 no CES e 01 no CESI.

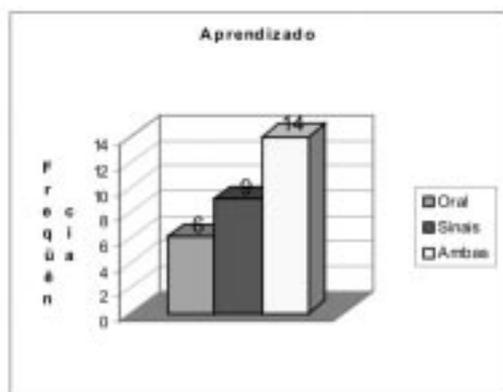


Gráfico nº 6: Como foi o aprendizado

O gráfico ao lado mostra que seis dos entrevistados tiveram seu aprendizado através da língua oral, nove através da língua de sinais, quatorze tiveram seu aprendizado através de ambas as línguas e um dos entrevistados não respondeu a esta pergunta.

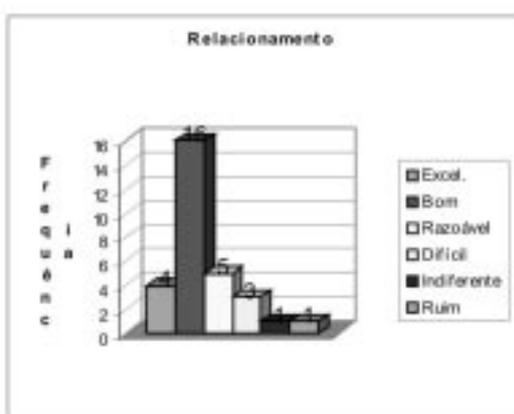


Gráfico nº 7: Como é o relacionamento com a família.

O gráfico ao lado mostra que a maioria dos entrevistados respondeu que tem um bom relacionamento com a família e a minoria respondeu que o relacionamento é ruim.

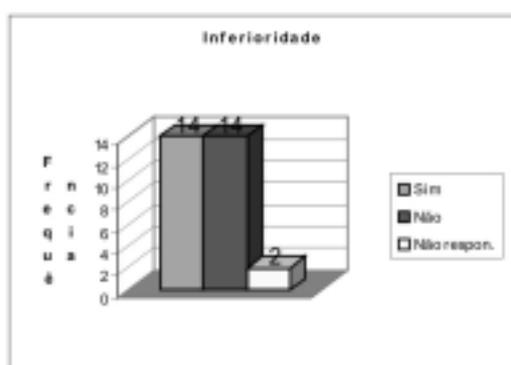
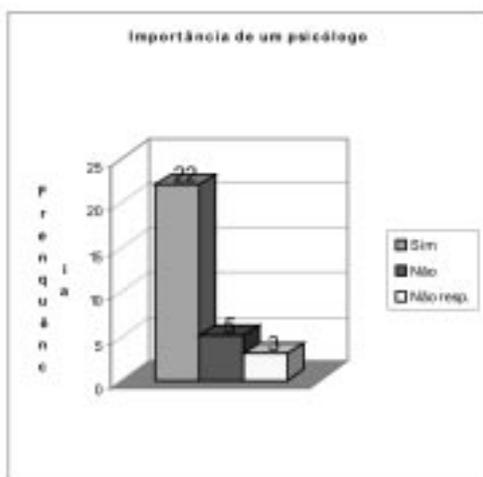


Gráfico nº 8: Em algum momento se sentiu inferior aos ouvintes.

O gráfico ao lado mostra que 50% dos que responderam à pergunta sentem-se inferiores aos ouvintes.



O gráfico ao lado mostra que a maioria dos entrevistados (22) respondeu que é importante ter o auxílio de um psicólogo nas suas dificuldades, cinco responderam que não acham importante e três não responderam à pergunta.

Gráfico nº 9: Importância de um psicólogo para auxiliar nas dificuldades.

Discussão

Verificou-se, ao longo da pesquisa, que a maior dificuldade que o surdo enfrenta para se inserir no mercado de trabalho, como também para se relacionar com a comunidade ouvinte, é a limitação na comunicação. A sociedade não oferece subsídios para que o surdo se adapte de maneira satisfatória no mercado de trabalho, e assim desenvolver favoravelmente as tarefas que lhe são designadas. Considerando-se a faixa etária dos entrevistados, a maioria está entre 31 e 40 anos; porém, apenas 40% destes estão inseridos no mercado de trabalho. Observa-se também que a maioria dos que trabalham encontrou dificuldades para inserir-se e adaptar-se ao ambiente de trabalho. Quanto à educação, a maioria dos entrevistados relatou que teve acesso às duas línguas –de sinais e oral– simultaneamente. Considerando-se as etapas de desenvolvimento do ser humano, sabe-se que no período entre os 30 e os 40/45 anos de idade, o indivíduo encontra-se bem estável e, por conseguinte, com um aceitável relacionamento com a família; porém, percebe-se nos resultados desta pesquisa que, apesar da maioria estar na faixa entre os 30 e 41 anos de idade, ainda não estabilizaram este relacionamento. Isto que faz pensar o quanto a falta de comunicação pode afetar os relacionamentos, deixando no indivíduo um vácuo que vai interferir ao longo de toda a sua vida. De fato, como mostra o Gráfico nº8, metade dos entrevistados que responderam à pergunta, disseram que se sentem inferiores às pessoas ouvintes. A grande maioria ressaltou, também, a importância de um profissional de Psicologia para estar auxiliando na resolução de suas questões mais profundas.

Considerações Finais

A presente pesquisa ensejou a possibilidade de perceber o quanto ainda estamos longe de uma eficaz comunicação entre os homens, não somente no que diz respeito ao mundo dos surdos. A humanidade, de um modo geral, é muito carente de uma forma de comunicação que, de fato, aproxime os indivíduos. O que acontece com o surdo é, sem dúvida, reflexo de uma realidade muito abrangente: as relações que se estabelecem entre os homens em toda parte do mundo, e que se constituem, quase sempre, em relações de poder e domínio de grupos majoritários sobre grupos minoritários. A esperança, o consolo, é ver que, pelo menos, no que concerne à realidade dos surdos, as discussões estão acontecendo cada vez mais no sentido do progresso. O surdo está conquistando espaço, mesmo de modo lento porém gradativo. As barreiras da comunicação -

que encerram os surdos no isolamento, obrigando-os a viver à margem da sociedade- estão sendo transpostas. Assim sendo, foi possível constatar, através do presente estudo, o esforço e a caminhada que as instituições especializadas na educação dos surdos estão empreendendo. Observou-se, ainda, a grande abertura e a boa vontade dos profissionais especializados em educação de surdos para galgar os degraus de um mundo novo, em parte ainda obscuro para eles. Exige a mesma coragem e determinação de quem abre caminhos em uma floresta virgem. Ressalte-se, ainda, a satisfação da comunidade surda em função da disponibilidade dos ouvintes, ligados a eles, para conhecer profundamente a cultura do surdo e pela compreensão que se está tendo acerca da relevância da linguagem de sinais para a formação do pensamento dos surdos e para a aquisição de um conhecimento cada vez mais complexo. Pôde-se verificar que o maior problema enfrentado pelo surdo, hoje, é a comunicação limitada, o que dificulta a inserção do mesmo no mercado de trabalho, e até na família. Percebeu-se a pouca interação que existe entre o surdo e sua família, especialmente quando os pais são ouvintes. Neste caso, o surdo sente-se um “estranho no ninho”, isolado do convívio familiar e da sociedade. O mercado de trabalho, bem como a instituição educacional, ainda não estão preparados para a tão falada e desejada inclusão. Não existe uma estrutura que garanta a inserção da pessoa surda, pois não existem intérpretes, e os ouvintes que compõem essas estruturas não conhecem a Língua de Sinais, e nem mesmo conhecem a pessoa portadora de surdez. Existe hoje um projeto idealizado pelo INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), com o apoio do Ministério da Educação do Rio de Janeiro, que pretende criar uma faculdade só para portadores de surdez, inicialmente oferecendo o curso de Pedagogia, fato que nos deixa otimistas com relação ao futuro profissional do surdo, e, por conseguinte, sua inserção no mercado de trabalho, na família e na sociedade como um todo. O que falta, ainda, aqui no Brasil, é um corpo de intérpretes bem preparados, e que conheçam em profundidade a Libras para que possam atuar nas universidades. Assim, se houvesse o apoio da sociedade e do Governo, poderíamos ter muitos surdos se graduando e, posteriormente tornando-se eles mesmos, professores de surdos universitários. Nos Estados Unidos, por exemplo, “...todas as faculdades têm pelo menos três intérpretes em cada sala-de-aula, e a própria faculdade auxilia o aluno a conseguir o seu estágio e a se colocar no mercado.”(Revista Feneis, 2003, p.20).

REFERÊNCIAS

- Álvares, H. M. *Revista INES*. Rio de Janeiro: 2003.
- BARONE, L. et al. *l'integrazione scolastica e sociale dei bambini minorati dell'udito*. Torino: UTET Libreria, 1996.
- BRANDÃO, V. *O surdo: este desconhecido*. Cascavel, Fecivel, 1991.
- Brito, L. F. *Integração social & educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.
- COUTO, A. F. et al. *Como compreender o deficiente auditivo*. Rio de Janeiro: Copyright, 1985.
- ELMI, A. *Le tenebre del silenzio*. Venezia: Proprietà Libreria Riservata, 1997.
- _____. *La personalità del debole di udito*. Venecia: Proprietà Libreria Riservata, 1964.

FERNANDES, E. *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

GARCEZ, N. M. *E os surdos ouvirão*. Curitiba: Gráfica Vicentina, S/D.

REVISTA FENEIS. Ano V, n.19, Rio de Janeiro: Nádia Mello, 2003.

SACKS, O. W. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SKLIAR, C. A. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001.